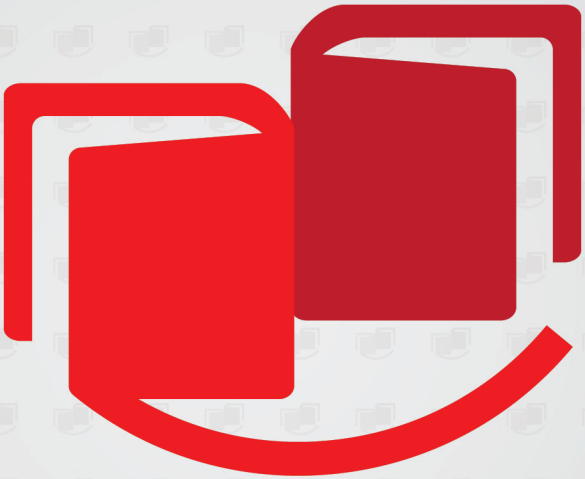

Coleção de Literatura

Brasileira

As Asas de um Anjo

de José de Alencar

Comédia

(prólogo, quatro atos, epílogo)
(Levada à cena em 1858, no Ginásio Dramático, Rio de Janeiro. Após algumas apresentações, esta peça foi proibida pela Polícia)

Personagens

Luís Viana Ribeiro Araújo
Pinheiro Meneses Antônio José
Carol i na Margarida Helena Viei ri n ha Uma menina
A cena é no Rio de Janeiro, e contemporânea.

PRÓLOGO
(Em casa de Antônio. Sala pobre)

CENA I
(Carolina, Margarida e Antônio)

(Carolina defronte a um espelho, deitando nos cabelos dois grandes laços de fita azul. Margarida cosendo junto à janela. Antônio

sentado num mocho, pensativo)

Carolina – É quase noite!...
Margarida – Que fazes aí, Carolina? Já acabaste a tua obra?... Prometeste dá-la pronta hoje.
Carolina – Já vou, mãezinha; falta apenas tirar o alinhavo. Olhe! Não fico bonita com meus laços de fita azul?
Margarida – Tu és sempre bonita; mas realmente essas fitas nos cabelos dão-te uma graça!... Pareces um daqueles anjinhos de Nossa Senhora da Conceição.
Carolina – É o que disse o Luís, quando as trouxe da loja. Tínhamos ido na véspera à missa e ele viu lá um anjinho que tinha as asas tão azuis, cor do céu! Então lembrou-se de dar-me esses laços... Assentam-me tão bem, não é verdade?
Margarida – Sim; mas não sei para que te foste vestir e pentear a esta hora; já está escuro para chegares à janela.
Carolina – Foi para experimentar o meu vestido novo, mãezinha... Quis ver como hei de ficar quando formos domingo ao Passeio Público...

Margarida – Ora, ainda hoje é terça-feira.
Carolina – Que mal faz!
Margarida – Está bom, vai aprontar a obra; a moça não deve tardar. É verdade!

CENA II
Margarida e Antônio

Margarida – Não sei o que tem a nossa filha! Às vezes anda tão distraída... **Antônio –** Quantos são hoje do mês, Margarida?
Margarida – Pois não sabes? Vinte e seis.
Antônio (contando pelos dedos) – Diabo! Ainda faltam quatro dias para acabar! Precisava receber uns cobres que tenho na mão do mestre e só no fim da semana... Que maçada!
Margarida – Não te agonies, homem! O dinheiro que deste ainda não se acabou; e hoje mesmo aquela moça deve vir buscar os vestidos que mandou fazer por Carolina.
Antônio – Quanto ela tem de dar?
Margarida – Três vestidos a cinco mil-réis..
Antônio – Quinze mil-réis, não é?
Margarida – Quinze justos. Já vês que descansado que amanhã terás o teu vinho ao almoço.
Antônio – Ora Deus! Quem te fala agora em vinho? Não é para ti, nem para mim, que preciso de dinheiro. (Margarida acende a vela com fósforos)
Margarida – Para quem é então, homem?
Antônio – Para Carolina.
Margarida – Ah! Queres fazer-lhe um presente?
Antônio – Tens idéias! Não!... Sim!... (Rindo) É um presente que ela há de estimar.

Margarida – Não; sim... Explica-te, se queres que te entenda.
Antônio – Lá vai. Há muitos dias que ando para te falar nisto; mas gosto de negócio dito e feito. Estive a esperar o fim do mês pela razão que sabes, do dinheiro; e o fim do mês sem chegar. Enfim hoje, já que tocamos no ponto, vou contar-te tudo. (Chega-se à porta da esquerda)
Carolina – Margarida está lá dentro; podes falar.
Antônio – Não reparaste ainda numa coisa?
Margarida – Em quê?
Antônio – Nos modos de Luís com a pequena. Como ele a trata.
Margarida – Quer dizer que Luís é um rapaz sisudo e trabalhador.
Antônio – Só?... Mais nada!
Margarida – Não sei que mais se possa ver em uma coisa tão natural.
Antônio . Escuta, Margarida, tu te lembras quando eu era aprendiz de marceneiro, e que te via em casa de teu pai, que Deus tenha em sua glória. Tu te lembras? Também te tratava sério...
Margarida – Então pensas que Luís tem o mesmo motivo?...
Antônio – Penso; e eu cá sei o que penso.
Margarida – Descobriste alguma coisa?
Antônio – Oh! se descobri! um companheiro lá da tipografia muito seu amigo me contou que ele tinha uma paixão forte por uma moça

que se chama Carolina.
Margarida – Ah! Anda espalhando!...

Antônio – Não estejas já a acusar o pobre rapaz; ele não disse a ninguém. Um dia no trabalho... Mas tu sabes como é o trabalho dele?
Margarida – Não; nunca vi.
Antônio – Nem eu; porém disseram que é fazer com umas letras de chumbo o mesmo que escreve o homem do jornal. Pois nesse dia, Luís que estava com o juízo cá na pequena, que havia de fazer?...
Margarida – O quê?
Antônio – Em vez do que estava escrito deitou Carolina, Carolina, Carolina... Uma folha cheia de Carolina, mulher! No dia seguinte a nossa filha andava com o jornal por essas ruas!
Margarida – Santa Maria! Que desgraça, Antônio!
Antônio – Espera, Margarida; ouve até o fim. Tem lá um homem, o contramestre da tipografia, que se chama revisor; assim que ele viu a nossa filha, quero dizer o nome, pôs as mãos na cabeça; houve um grande barulho; mas como o rapaz é bom trabalhador acomodou-se tudo. É daí que o companheiro soube e me disse.
Margarida – Psiu!... Aí vem ela.
Antônio – Melhor! Acaba-se com isto de uma vez.

Margarida – Não lhe fales assim de repente.
Antônio – Por quê? Gosto de negócio dito e feito.
Margarida – Mas Antônio...
Antônio – Não quero ouvir razões. (Entra Carolina com uma pequena bandeja cheia de vestidos)

CENA III
(Os mesmos e Carolina)

Carolina – Ainda cose, mãezinha? Isto cansa-lhe a vista.
Margarida – Estou acabando; pouco falta. Vem cá. Tenho que te dizer uma coisa.
Carolina – Ah! Quer ralhar comigo, não é?
Antônio – E muito, muito; porque ainda hoje não te vieste sentar perto de mim como é teu costume para me contares uma dessas histórias bonitas que lês no jornal de Luís.
Carolina – Estive trabalhando; mas agora... Aqui estou. Quer saber as novidades? **Antônio –** Não; hoje sou eu que te vou contar uma novidade; mas uma novidade... **Carolina –** Qual é? Quero saber.
Antônio – Já estás curiosa! Quanto mais me adivinhasses...
Carolina – Ora diga!
Antônio – Esta mãozinha pequenina que escreve e borda tão bem, precisa de outra mão forte que trabalhe e aperte ela assim.